

Uma canção de amor¹

João de Mancelos

Três contos do livro

¹ Mancelos, João de. *Uma canção de amor*. Lisboa: Colibri, 2023. 92 pp. ISBN: 978-989-566-331-6.

Uma canção de amor

Em 1985, o autocarro da escola era uma autêntica festa sobre rodas. Imaginem a balbúrdia: cinquenta e dois adolescentes aos saltos e um motorista louco. Este tivera o seu quarto de hora de fama na década anterior, ao vencer o concurso de música local, com uma banda que não chegaria a gravar um só disco. Agora, longe desse dia glorioso, passava Led Zeppelin, Deep Purple e The Rollings Stones no autorrádio, aos brados, como se fosse um *disc-jockey*.

Todos os dias, às oito e dez da manhã, o motorista despejava na escola uma horda de *punks* de crista verde e alfinetes nas orelhas, com caveiras impressas nas camisolas e *jeans* rasgados nos joelhos; raparigas góticas, capazes de nos partir o coração com um poema certo, vestidas de tule e botas de biqueira de aço; desportistas envergando *t-shirts*, calções e sapatilhas *New Balance*, sempre a compararem o tamanho dos bíceps. Ah, e dois ou três jovens normais (se contássemos comigo).

Pelas seis da tarde, o ex-músico recolhia a mesma turba, já exausta, a cheirar ao tabaco fumado clandestinamente atrás do ginásio, ao sabonete do duche obrigatório nas aulas de Educação Física e a chicletes de menta. Também o motorista parecia fatigado. Trocava de cassete e substituía as guitarradas por *slows* românticos. Deliciado, espreitava pelo espelho retrovisor os jovens a ensaiarem a arte do beijo, ao som dos Scorpions ou de Meat Loaf.

Um dia, tudo mudou. Fui atingido com a força de um piano de cauda lançado do topo de um arranha-céus. Como era hábito, o autocarro deteve-se na paragem 66 às sete e cinquenta, com uma chiadeira torturante. Normalmente, não haveria passageiros. Contudo, naquela manhã, subiu a bordo uma rapariga transferida de outra escola a meio do ano letivo. O motorista desligou o autorrádio e contemplou-a de alto a baixo, abismado.

“Uau”, e repito, “uau”! Por duas razões: primeiro, nunca vira uma jovem de catorze ou quinze anos tão escandalosamente bela. Parecia picotada de uma revista de mangá: cabelo negro, grandes olhos azuis, fininha como um lápis, vestida com um top, uma minissaia plissada e sapatilhas de um branco imaculado. Segundo: a rapariga não tinha uma perna. Abaixo do joelho, usava uma prótese com desenhos elegantes e delicados.

Perante esta visão inusitada, receei que o autocarro explodisse numa gargalhada cruel. Contudo, os rapazes encontravam-se boquiabertos perante aquela mistura absurda de beleza e ironia do destino; já as adolescentes remexiam-se nos bancos, inquietas, rezando para a recém-chegada não se sentar ao pé delas, como se a amputação fosse contagiosa.

Durante alguns segundos, a rapariga observou-nos, uma ruga apreensiva cruzando-lhe

a testa, em busca de um rosto conhecido. Ninguém. Desalentada, suspirou. E com ela suspirou toda a gente, aliviada, quando esta se dirigiu ao banco a meu lado. No entanto, ao caminhar titubeante, devido à prótese, demorou três segundos a mais. O autocarro arrancou com um solavanco intempestivo. A jovem desequilibrou-se, tentou agarrar-se, falhou e caiu a meus pés. Literalmente.

Sem uma palavra, estendeu-me a mão. Ajudei-a a sentar-se, tendo o cuidado de não tocar na prótese, perante o horror desta se poder desencaixar.

Então, proferi as mais desastrosas boas-vindas de sempre:

“Uma entrada triunfal!”

“Obrigada”, respondeu. “Acho eu.”

Debrucei-me para cavalheirescamente levantar a sua mochila do chão e lha poisar no colo. Como havia eu de adivinhar que o fecho se encontrava estragado? De súbito, o saco abriu-se e espalhou, pelo chão infeto do autocarro, um batom, vários lápis de cor, alguns produtos de higiene íntima e meia dúzia de moedas. Tudo a rolar loucamente e em múltiplas direções, como bolas de bilhar após o primeiro toque.

Balbuciei:

“Desculpa!”

“Oh, meu Deus...”

A rapariga tapou o rosto. Por um instante, receei que fosse irromper num choro frustrado. Afinal, tentava apenas conter o riso, sem êxito. Soltou um par de gargalhadas cristalinas. Perdeu o fôlego. Engasgou-se. Tossiu.

Quando recuperou do ataque, abanou a cabeça e disse-me:

“És um desastre.”

“Pois”, concordei.

“Ajudas-me a apanhar as minhas coisas?”

Debrucei-me junto às pernas dela e tateei o chão, diligente. Recolhi todos os escudos (menos de cinquenta centavos, ao todo) e um único lápis. Senti algo debaixo da sapatilha direita. Era o batom fugitivo — ou as sobras dele, depois de, inadvertidamente, o ter esmagado.

“O resto rolou lá para trás”, anunciei-lhe, encolhendo os ombros. “Posso ir procurar, se quiseres...”

“Deixa lá. Eram tretas sem importância.”

“Já agora, tento uma última vez.”

Para me redimir do desastre, debrucei-me e espreitei sob os bancos. Na semiobscuridade, pouco enxergava, a não ser os pés inquietos dos meus colegas, assinalando o ritmo da música, e os restos da jornada anterior: embalagens de sanduíches, latas de

refrigerantes e até um caderno extraviado. De repente, a viatura travou com violência, na paragem mais concorrida do percurso. Desferi uma cabeçada contra a prótese da rapariga e soltei um uivo de dor.

“Estás bem?”, perguntou ela.

“Sim. E tu? Magoei-te?”

“Claro que não! É uma perna artificial!”

“Desculpa.”

“Senta-te quieto”, ordenou-me ela, com voz de irmã mais velha, sem deixar margem para a desobediência.

Ergui-me prontamente. Inspeccionou-me a testa. A sua mão era morna e tão suave que não me importaria de dar outra cabeçada só para a sentir.

Perguntei:

“É muito mau?”

“Não sejas piegas. Vais sobreviver.”

“Certo!”

“Ele conduz sempre desta maneira?”

“Só para quando atropela gatos e velhinhas.”

Entraram seis alunos. O autocarro voltou a pôr-se em marcha, com um entusiástico urro de fera atrás da presa na savana.

“Posso perguntar-te uma coisa? Como foi que...”

“...perdi a perna?”, completou ela, automaticamente.

Por um instante, receei tê-la ofendido.

“Se não quiseres falar disso...”

“Toda a gente tem essa curiosidade, mais tarde ou mais cedo”, aceitou a jovem, resignada. “Tive um acidente de mota, no verão passado.”

“Oh, tens idade para conduzir?”

“Não. Ia agarrada ao meu namorado. Ele abusou da velocidade. A febre da estrada, sabes? A Kawasaki entrou em despiste. Fui cuspada e atirada contra o rail. O resto podes tu imaginar.”

“E o teu namorado?”

A jovem abanou a cabeça rapidamente.

“Não se safou.”

“Lamento.”

“Mas é uma prótese única”, disse a rapariga, enxotando a recordação sombria. “Vê! O meu mano fez estes desenhos.”

Ergueu a saia e apontou para a perna. Havia diversas ilustrações, imitando as bandas desenhadas mais populares da década de oitenta: Akira, Jojo, Motoko e outros bonecos de olhos enormes e rostos expressivos.

“Impecável!”, exclamei.

“Podes crer.”

Imaginei o amor e o esforço dedicados pelo mano da rapariga àquela tarefa. Perguntei:

“Porquê mangá?”

“Adoro tudo o que é japonês.”

“A sério?”

“Sim! Quero ser desenhadora, quando terminar o curso. Posso mostrar-te o meu trabalho. Tenho pilhas e pilhas de cadernos.”

“Adoraria!”

O autocarro parou, com um estertor final, e as portas da frente e de trás abriram-se. Aguardei, paciente, a saída dos colegas, para ninguém empurrar a rapariga. Depois, ajudei-a a pôr a mochila às costas, sentindo ainda uma pontinha de culpa por ter derramado desastrosamente o conteúdo. Por fim, saímos para o corredor.

Desci as escadas e estendi-lhe a mão. Ela aceitou e, titubeando, saiu.

“É mais fácil subir”, confessou.

“Não te preocupes. Eu estou aqui.”

Afastámo-nos na direção da escola, através do parque de estacionamento vazio. Todos os estudantes tinham já entrado no enorme e austero edifício. Íamos chegar atrasados à primeira aula. Francês. Não era grave.

Ao longe, o motorista não resistiu e pôs a tocar a canção “Love Is in the Air”, de John Paul Young, os altifalantes no máximo: “And I don’t know if I’m being foolish / Don’t know if I’m being wise / But it’s something that I must believe in / And it’s there when I look in your eyes.”

Eu e a rapariga entreolhámo-nos e desatámos a rir, embaraçados. E foi pelas gargalhadas dela que me apaixonei. Perdidamente.

O que farias por mim?

Eu e os meus amigos temos apenas quinze anos, mas conhecemo-nos desde o princípio do mundo. Partilhamos os mesmos interesses, sonhos e medos. Escutamos devotamente as canções do top 20; discutimos filosofia entre goles de cerveja; sonhamos com viagens longínquas, para o Tibete ou a ilha de Sumatra; riscamos os dias que faltam para as férias do verão e os mergulhos azuis no oceano; ocultamos atrás do ginásio da escola, ora damos as primeiras passas em cigarros baratos, ora praticamos a arte do beijo.

Somos um grupo de quatro adolescentes: eu, o sonhador de serviço; o gémeo e a sua irmã, tão parecidos que comunicam por telepatia; e, por fim, a namorada do gémeo, uma rapariga de olhos azul-cobalto a quem chamamos “Espírito”. A alcunha advém de ela ser loira, possuir uma tez seráfica e se vestir sempre de branco da cabeça aos pés. Um dia, no intervalo de uma aula, perguntei-lhe o porquê dessa bizarra escolha; contudo, a rapariga limitou-se a sorrir, tão enigmática quanto a Gioconda.

A Espírito leu mais livros do que todos nós em conjunto, mas — note-se! — apenas de poesia. De facto, recusa-se a tocar em prosa e nunca abriu os romances obrigatórios para a escola. Isto, segundo a rapariga, para não contaminar a poesia com a arte menor da prosa. No dia do aniversário, investi o dinheiro oferecido pelos pais e mandou tatuar, no pulso, numa caligrafia floreada, este lema de vida de Kate Forsyth: “Que o meu coração seja bravo; a minha mente, forte; e o meu espírito, livre”.

Naquele fim de tarde sufocante de agosto, encontramos-nos deitados no jardim da vivenda dos meus pais. Palramos acerca de canções românticas. Muitas parecem superficiais, de mascar e deitar fora, como pastilhas elásticas. Apesar de tudo, contêm verdades cristalizadas, fruto das experiências de vida e de amor dos compositores.

O gémeo gosta particularmente do clássico “What You Won’t Do For Love”, uma canção de Bobby Caldwell, que costuma trautear: “You’ve tried everything but you won’t give up. / In my world only you make me do / For love what I would not do.”

A propósito, pergunta à Espírito:

“E tu? O que farias por mim?”

A rapariga reflete um pouco e declara:

“Por ti, arrisco a vida.”

O gémeo sorri, desdenhoso:

“A sério...? Não acredito!”

“Queres uma prova?”

“Claro.”

A jovem contempla fixamente o telhado da casa.

“Para provar que te amo, vou percorrer o pau de fileira. De uma ponta à outra. Nos dois sentidos.”

O namorado espicaça-a:

“Não és capaz!”

“Sou, sim.”

A gémea corta a conversa e aconselha:

“Espírito, não faças isso. Ainda caís e partes uma perna...”

Intervenho também, preocupado:

“Não tens de provar nada. Se ele não acredita no teu amor, é porque é ainda mais parvo do que parece!”

A rapariga ignora os nossos receios e replica:

“Parem! OK? Já decidi.”

Levanta-se, de rosto orgulhosamente erguido. Entra na vivenda. Daí a um minuto, assoma à varanda do primeiro andar e acena-nos. Empoleira-se uma cadeira, estica os braços, içã-se para o telhado e escala-o com a destreza de um macaco. Senta-se no pau de fileira, uma perna de cada lado, o vestido branco e leve erguido até aos joelhos. Dali, contempla o mar prateado de agosto, como se estivesse hipnotizada.

“Está a ganhar coragem para a prova”, deduz a gémea.

“Não. Está a concentrar-se”, murmuro. “Como um trapezista, num circo.”

“Bah! Tem é medo!”, goza o gémeo.

“Achas?”, pergunto-lhe.

“Sim. Daqui a um minuto, ela desce.”

Contrariando as expetativas pessimistas, a Espírito ergue-se sobre o pau de fileira. O vestido branco da rapariga parece incendiado contra o céu laranja do poente, e o cabelo loiro, solto, esvoaça com a brisa marítima. Assim, em pé, lembra a estátua de uma jovem deusa olímpica. Sustemos a respiração, mesmerizados pela sua beleza.

A adolescente calcula a distância de uma ponta à outra do percurso. Por fim, atreve-se e dá o primeiro passo. Caminha devagar, um pé cuidadoso à frente do outro, de braços estendidos. Um gesto em falso e pode cair do telhado. O destino, não duvido, seria o hospital ou a morgue.

A Espírito percorre os dez metros do pau de fileira. O vento sopra, agora, mais forte, vindo do mar, e trazendo o cheiro intenso da maresia. No término do percurso, a rapariga dá um passo largo, para chegar à meta, e quase escorrega. Sinto um baque no estômago. Faz um compasso de espera, antes de recuperar o fôlego. Foi por um triz.

Ao meu lado, a gémea sussurra:

“Avé Maria, cheia de graça...”

Ponho as mãos em frente à boca, para fazer o efeito de um altifalante, e grito:

“Coragem, Espírito! Metade já está!”

Olho, de soslaio, para o namorado da jovem. Silencioso. Lívido. Talvez arrependido de a ter encorajado, mas demasiado orgulhoso para o admitir. Idiota. Na realidade, nunca acreditou que a Espírito iniciasse a prova de amor. Afinal, ela é uma rapariga tão pacata como uma nuvem num céu sem vento, e raramente se entrega a odisséias arriscadas.

Ou assim parece. Aquela jovem é uma caixinha de surpresas. Por exemplo, nunca compreendi como se pôde apaixonar pelo gémeo, um indivíduo pouco apreciador da leitura, se excetuarmos as bandas desenhadas de super-heróis. Quando os vi, pela primeira vez, percorrer o corredor da escola, de mão dada e rostos radiantes, desafiando o mundo inteiro, tive de esfregar os olhos. Antecipava que a Espírito caísse de amores por alguém mais sensível e criativo. Como eu, por exemplo.

A rapariga enceta, agora, o percurso inverso, para completar a sua missão de amor. Receosa, caminha como uma criança que ganhou o medo de pedalar, após cair da bicicleta. O tronco está inclinado para a frente, uma espiga dobrada ao vento; os braços, esticados com demasiada rigidez, não proporcionam o mesmo equilíbrio; os passos são breves e inseguros.

De súbito, a jovem solta um gritinho. Uma telha do pau de fileira desencaixa-se, desliza pelo telhado e tomba, com estrondo, no chão, quebrando-se em mil estilhaços, numa nuvem de pó. Ficamos transidos. Aquela telha podia ser a rapariga.

A gémea suplica:

“Espírito, por amor de Deus, desce!”

Reitero:

“Sai daí! Para com esta idiotice!”

Silencioso, o namorado engole em seco. Contudo, surpreendentemente, não a tenta convencer a cancelar a prova.

“Diz-lhe para descer”, peço, irritado.

“Ela é que quis fazer isto. Agora, tem de aguentar.”

“Enlouqueceste! E se cai?”

Não me responde, orgulhoso.

A dois escassos metros do fim do pau de fileira, a Espírito parece ter recuperado a confiança. Enche o peito de ar, não descola os olhos azul-cobalto das telhas, atreve-se, dá meia dúzia de passos e chega ao término do percurso.

Vitoriosa, ergue um braço e grita:

“Consegui!”

“Bravo!”, exclamamos eu e a gémea, entre aplausos.

Só o namorado nada diz e engole em seco. Parece surpreendido. Nunca imaginou *aquela* Espírito e certamente nunca esperou dela uma prova de amor tão bela e brutal.

A adolescente agacha-se, poisa as mãos no pau de fileira e gatinha, às arrecuas. Arranha-se, mas ignora a dor. Com cautela, senta-se no bordo do telhado e salta para a varanda. O joelho, esfolado, mancha-lhe de sangue a bainha do vestido. Daí a segundos, sai pela porta do rés-do-chão. Vamos ao seu encontro. O namorado, visivelmente nervoso, balançando-se de um pé para o outro, permanece, firme, no seu ponto de observação.

A gémea abraça-a e pergunta-lhe:

“Estás bem?”

“Dentro do possível.”

Mas não parece. Está pálida, treme, exala um odor adocicado a transpiração e a medo.

“Pregaste-nos um susto!”, repreendo-a. “Não voltes a fazer isso!”

“Não volto”, responde, com voz tremente.

A rapariga inspira. Depois, afasta-se de nós e avança na direção do namorado, em passos decididos. Este sorri, tímido, e prepara-se para a abraçar, quando a Espírito para e o contempla de alto a baixo, como se ele fosse uma criança desprezível. Sem a mínima hesitação, desfere-lhe um sonoro par de bofetadas.

“Que raio foi isto?!”, pergunta ele.

A rapariga não lhe responde.

Nervoso, o gémeo esfrega a face em ardor. Grita, irritado:

“Raparigas...”

Corrijo-o:

“Não. Mulheres.”

Fascinado, observo a gémea, de braço sobre os ombros da Espírito, numa cumplicidade quase fraternal, afastando-se rumo à praia, ao sol poente, ao céu riscado por mil gaivotas, ao vento vivo e tão livre quanto ela.

O lento florir da neve

Naquele fim de tarde de novembro de 1990, Londres jazia sob um manto de neve, e nuvens de chumbo rolavam pelo céu. Instintivamente, os candeeiros de rua, julgando que a noite chegara, iluminaram-se. Como não trouxera luvas nem cachecol, enfiei as mãos nos bolsos e levantei a gola do casaco. O frio ardia na garganta e o hálito transformava-se em neblina.

Os passeios tinham a lisura derrapante de um rink de patinagem. No percurso entre a residência de estudantes, em Tuffnel Park, e o Polytechnic of North London, em Kentish Town, três transeuntes haviam escorregado e jaziam comicamente estendidos no passeio. Um deles, o vagabundo local, demasiado embriagado para se conseguir erguer, soltava mais palavrões do que o papagaio de um pirata, culpando quem passava pela sua má fortuna.

Foi com alívio que cheguei à escola, um edifício na Rua Príncipe de Gales, fundado em 1929. Exibia dois andares à superfície e outros tantos abaixo. As paredes eram de tijolo, escurecido pelo passar dos anos, e o sótão fora revestido por lajes e telhas cinzentas. Apenas as numerosas janelas de madeira pintada de branco aliviavam o estilo soturno.

Subi, pressuroso, os degraus para o *hall*. À entrada, deparei-me com Deirdre, ou, como eu lhe chamava, Didi. A jovem irlandesa, de vinte anos, estava irreverentemente sentada sobre o balcão da portaria. Vestia uma saia de padrão escocês, colãs e botas, uma camisola de gola alta, e um casaco negro, a realçar-lhe o cabelo acobreado e os olhos coruscantes.

Cavaqueava com a rececionista, uma idosa que, dizia-se, era centenária. Quem as observasse pensaria serem uma avozinha e a neta. Quando deram por mim, sorriram ambas. A senhora não perdeu tempo a informar-me:

“A sua amiguinha esqueceu-se — *outra vez!* — do cartão de estudante.”

A rapariga esboçou uma expressão embaraçada e encolheu os ombros.

“Por isso”, prosseguiu a idosa, “tem de a identificar ou expulso-a para o frio.”

Decidi brincar com a situação e fingir desconhecer-lá. Para tanto, disparei todo o arsenal de nomes femininos irlandeses que conhecia:

“Bridgit!”

Ela olhou-me, boquiaberta e gemeu:

“Não!”

“Keira?”

“Zero.”

“Já sei! Kathleen?”

A jovem apontou-me um dedo irritado:

“Vais pagá-las!”

Por fim, murmurei:

“Deirdre Arden.”

“Finalmente!”, exclamaram as duas, em uníssono.

Didi saltou do poleiro improvisado e beijou-me a face.

“Estava a ver que não vinhas, João.”

“Escorreguei vinte vezes antes de chegar cá!”

Íamos já no corredor, quando a rececionista de um século, chamou:

“Deirdre!”

A jovem voltou-se e deslizou até ao balcão. A senhora tirou da jarra uma campânula-branca, flor de inverno, e estendeu-lha. A rapariga sorriu, grata. Mostrou-me a planta:

“Olha!”

“É o teu dia de sorte”, disse. “Não foste expulsa e ainda recebeste uma prenda.”

Rimo-nos. Entalou o caule entre as páginas do livro de contos *The Dead*, de James Joyce e corremos pelo corredor, para compensar o atraso.

A aula noturna de Modern Poetry, no andar de cima, era lecionada por um professor de origem indiana, tão sábio quanto monocórdico. Quando entrámos na sala, dez rostos voltaram-se interrogativamente para nós. Sentámo-nos sem ruído, um ao lado do outro.

O docente, que não perdoava retardatários, apressou-se a castigar Didi:

“Ah! Obrigado por se juntar, *finalmente*, a nós.”

“Desculpe o atraso...”

“Importava-se de ler o final do conto?”

“Certo”, balbuciou a jovem.

Abriu o livro e tirou a campânula-branca. Depois, afinando a garganta, leu, com a sua pronúncia irlandesa, ondulada e meiga, o epílogo da célebre narrativa de Joyce:

“Recomeçara a nevar. Sonolento, observou os flocos prateados e escuros, tombarem, oblíquos (...) A neve cobria toda a Irlanda. Caía sobre a planície central, caía nas colinas despidas das árvores, suavemente sobre o Pântano de Allen e, mais para oeste, caía sobre as ondas rebeldes e escuras de Shannon. Descia, igualmente, sobre o solitário cemitério na colina onde Michael Furey repousava. (...) A sua alma desfalecia, pouco a pouco, enquanto a neve tombava brandamente pelo universo, como a vinda final sobre todos os mortos e os vivos.”

A leitura de Didi foi de tal modo expressiva que, quando terminou, apenas se escutava o zumbido das luzes de néon. O silêncio evolava-se das páginas do livro e do sortilégio da sua voz. Olhei-a de soslaio. Havia flocos dançando nos olhos da rapariga. Talvez ela recordasse a sua terra-natal, Galway, ou evocasse outra neve, outro inverno, na infância. Toquei-lhe levemente

na mão. Ela retribuiu.

“Very well”, admitiu o docente.

“Thank you!”

O professor passou à interpretação minuciosa do conto, socorrendo-se de alguns especialistas na obra joyciana. Porém, após o sortilégio da leitura, tudo era um anticlímax. O tempo passava com lentidão, no entorpecimento da matéria e no calor bocejante dos radiadores.

Didi passou-me, discreta, um papel dobrado em quatro. Abri-o. Na letra certinha dela, liam-se as palavras:

“Let’s go!”

Como recusar? Aproveitámos o momento em que o mestre, de costas para nós, rabiscava no quadro, para trocarmos um olhar cúmplice. Era o sinal. Enfiámos, à pressa, as canetas e os cadernos nas mochilas, sem esquecer a flor, e escapulimo-nos, com a subtileza de ninjas, da sala de aula para o corredor gélido.

Perguntei-lhe, inquieto:

“Está tudo bem?”

“Sim. Vou levar-te a um sítio.”

“Onde?”

“É aqui mesmo, mas nunca lá estiveste.”

A repariga deu-me a mão, ainda morna, e percorremos aquele patamar do edifício, cada vez mais silencioso e frio, a voz monocórdica do professor desvanecendo-se. Conduziu-me, através de vários “halls”, até uma escada cuja existência eu ignorava. Trotámos dois lanços e desembocámos num andar esconso.

“Onde estamos?”, inquiri.

Encostou-me o dedo aos lábios e ordenou:

“Chiu! No sótão!”

Uma placa aparafusada à parede, de cor branca e letras vermelhas, advertia: “Restricted area. Authorized personel only”.

“Não é suposto entrarmos aqui!”

“Relaxa, João. És um ansioso. Prometo-te: vai valer a pena.”

Tomou-me a dianteira e abriu uma porta corta-fogo. Um sopro frio atingiu-nos com a força de uma locomotiva. O sótão encontrava-se iluminado apenas pelas luzes de emergência. Era enorme, retangular, a todo o comprimento do antigo edifício. Estava repleto de estantes e estantes, onde se empilhavam maços de papéis, dossiês e caixas velhas, cobertas de pó, bolor e teias de aranha. Didi estendeu a mão:

“Apresento-te o arquivo do Polytechnic of North London. Décadas de sabedoria e lixo à espera de um incêndio.”

“E foi para ver isto que me arrancaste à sala quentinha?”

“Aguarda!”

Percorremos o sótão mal iluminado, até chegarmos à janela do meio, uma meia-lua, precisamente sobre a porta principal, no andar inferior.

“Vê!”

Lá fora, na rua deserta, a neve rodopiava, dançando sobre os telhados, numa coreografia lenta e encenada pelo vento. Vestia de branco os ramos das árvores negras e nuas de inverno. Colava-se às hastes dos candeeiros de rua, erguidos como velas sobre um bolo de aniversário coberto de creme branco. Nos tejadilhos e capôs dos carros, tecia um manto efêmero. Acumulava-se nos toldos das lojas encerradas, afundando-os perigosamente. Fundia-se com o gelo ao atingir os passeios, na derradeira etapa da viagem.

Abracei Didi por trás. Era pequena e frágil. Envolvi-a com o meu casaco, partilhando a mornura com ela. Poisei o meu queixo sobre a sua cabeça. O cabelo dela cheirava a camomila.

“É muito bonito.”

“Tal e qual o conto de Joyce. Ao lê-lo, lembrei-me da neve de Galway...”

“Conta.”

“Quando era criança, da janela do meu quarto, via-a tombar sobre o rio Corrib e desaparecer, rumo ao Atlântico. Costumava pensar se toda aquela neve iria fazer o mar menos salgado.”

“Quem sabe?”

“Outras vezes, pensava: talvez os flocos se evaporem para um dia regressarem ao mesmo céu. Tudo é tão breve, tudo morre, tudo volta...”

Permanecemos ali uma boa meia hora, no silêncio e no frio, apreciando o lento florir da neve, numa noite escura de inverno.

Depois, já o Polytechnic estava a encerrar, descemos as escadas e desembocámos na rua. A rapariga disse-me que ia deixar as pétalas da campânula-branca secarem no livro, marcando o final do conto de Joyce. Talvez ainda se encontrem entre essas páginas. Talvez se tenham transformado em pó. Talvez um dia regressem ao céu e caiam, mansamente, como a neve.

Sinopse

Uma canção de amor (1.^a ed.), de João de Mancelos, é um conjunto de treze contos românticos. Libertando-se de estereótipos, o autor apresenta-nos várias protagonistas com deficiências físicas ou doenças mentais, em luta pelo direito ao amor, ao respeito e à diferença. Nenhuma se deixa limitar e todas vivem histórias de felicidade. Os enredos são originais e marcados por epílogos, por vezes, imprevistos. O estilo é vivo e cinematográfico. São histórias que, embora se leiam de um fôlego, permanecem na mente do leitor.